

## AS ORIGENS DO PENSAMENTO METAFÍSICO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

**Antonio Douglas Sampaio Ramalho\***

**Resumo:** O presente artigo tem como intuito expor, de modo sucinto, quais foram as bases histórico-filosóficas em que Arthur Schopenhauer edifica a sua filosofia, isto é, em como Schopenhauer constituiu sua metafísica da Vontade. Para essa exposição, o percurso tomado aqui se dará a partir do entendimento em que Schopenhauer obteve das doutrinas filosóficas orientais, especificamente o budismo e o hinduísmo, por meio dos livros sagrados dos hindus, as *Upanishads*, e o pensamento filosófico ocidental. Em referência à filosofia ocidental, será verificado como o filósofo de Frankfurt buscou como base para a formulação de seu pensamento, especificamente, as filosofias de Platão e Immanuel Kant, filósofos que o próprio Schopenhauer considerava como fundamentais para a concepção e entendimento de sua doutrina filosófica da Vontade. Em síntese, a nossa finalidade aqui será evidenciar quais foram as influências obtidas por Schopenhauer na edificação de seu pensamento filosófico.

**Palavras-chave:** Metafísica; Schopenhauer; Origens; Filosofia oriental; Filosofia ocidental.

**Abstract:** The purpose of this article is to briefly explain the historical-philosophical foundations on which Arthur Schopenhauer built his philosophy, in other words, how Schopenhauer constituted his metaphysics of the Will. For this exposition, the path taken here will start from the understanding that Schopenhauer obtained from Eastern philosophical doctrines, specifically Buddhism and Hinduism, through the sacred books of the Hindus, the *Upanishads*, and Western philosophical thought. With reference to Western philosophy, it will be seen how the Frankfurt philosopher sought the philosophies of Plato and Immanuel Kant as a basis for formulating his thought, philosophers that Schopenhauer himself considered fundamental for the conception and understanding of his philosophical doctrine of the Will. In short, our aim here will be to show what influences Schopenhauer had on the construction of his philosophical thought.

**Keywords:** Metaphysics; Schopenhauer; Origins; Eastern philosophy; Western philosophy.

### INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer procurou entender sobre como se configura o mundo em sua totalidade, isto é, buscou apreender o que é o mundo e qual seria sua essência. Essa investigação

---

\* Mestre em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail para contato: [sampaioramalho\\_ce@hotmail.com](mailto:sampaioramalho_ce@hotmail.com)

parte, primariamente, na tentativa de Schopenhauer em estabelecer um entendimento uniforme do que constitui o mundo e seus fenômenos, contrariando o modelo tradicional em que o movimento racionalista evoca. Isso quer dizer que a crítica schopenhaueriana recai em torno do tradicional pensamento evocado pelo iluminismo, ou seja, recai pelos iluministas atribuírem uma supervalorização da razão diante do conhecimento provindo do mundo fenomênico.

Desse modo, Schopenhauer acabou indo completamente contrário ao movimento racionalista proposto por René Descartes, já que na proposição cartesiana, o fenômeno era desconsiderado como possibilidade de conhecimento. A partir disso, o pensamento schopenhaueriano efetua uma grande mudança no que diz respeito à forma em que era estabelecido o entendimento da ordenação do mundo e o conhecimento de sua essência.

Nesse viés, na edificação de sua filosofia, Schopenhauer critica o modo cartesiano de compreender o mundo, retirando a razão o poder de ser considerado como o princípio legislador do mundo, tal qual Descartes teria colocado. Ao fazer esse movimento, Schopenhauer reflete o que seria de fato a coisa em si, procurando conhecer a significação daquilo que compõe o mundo e toda sua natureza, argumentando que “se este mundo não é nada além de representação, caso em que teria de desfilhar diante de nós como um sonho não essencial ou um fantasma vaporoso, sem merecer nossa atenção”<sup>1</sup>, nada valeria, caso não encontrássemos a essência do mundo, uma vez que ela estaria de fora do regime legislador da razão.

Isso significa que Schopenhauer não atribui à razão a possibilidade do conhecimento da essência íntima do mundo, sendo a razão apenas a forma de entendimento desse mundo, isto é, da relação do sujeito com o objeto, entendido pelo princípio de razão.

Nesse sentido, o filósofo de Frankfurt apreendeu seu pensamento em que o mundo se configura, portanto, a partir de dois aspectos: o primeiro aspecto considera o mundo como representação e logo após considera o mundo como Vontade. Em suma, o mundo como representação seria dado a partir do conhecimento das pluralidades captados através do princípio de razão suficiente<sup>2</sup>, em que todas essas pluralidades advêm do mundo como Vontade. Já o mundo como Vontade seria compreendido como a essência de todo o mundo, presente em todos os campos do fenômeno, presente desde o mundo inorgânico até o orgânico<sup>3</sup>. Assim, a

---

<sup>1</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tomo I. Tradução Jair Barboza. São Paulo. Editora: UNESP. 2005, § 17, p. 155.

<sup>2</sup> Para Schopenhauer, o mundo da representação é apreendido pelo princípio de razão suficiente, onde o papel do entendimento se dá na compreensão daquilo que está delimitado no espaço e no tempo, submetido à causalidade.

<sup>3</sup> Tais considerações partem dos conhecimentos científicos em que Schopenhauer compreendia como a física, a química e a biologia, para demonstrar como é efetuada a atuação da Vontade no mundo. Como a questão que seguirá na argumentação da atuação da gravidade no mundo inorgânico, bem como as ações químicas que

Vontade estaria de fora do regimento racional, uma vez que a Vontade é o ímpeto cego que move o mundo. Em suma, a Vontade é a resposta para o que Schopenhauer considera ser o enigma do mundo, isto é, a essência do mundo.

É em sua obra máxima intitulada *O Mundo como Vontade e como Representação* (1818), que Schopenhauer tratará destes dois aspectos, desdobando a Vontade no campo da representação como nas áreas da estética, da moral, da ética, e da religião. Desse modo, compreendemos como Schopenhauer concebe a Vontade como a essência do mundo em todos os fenômenos presentes na representação.

Entretanto, vale salientar, que estes dois mundos não devem ser considerados ou compreendidos separados entre si, mas sim unidos em um mesmo ponto, já que a Vontade é que constitui a essência do mundo. A separação existe apenas no modo de compreensão em como é estabelecido o conhecimento advindo do mundo da representação e a atuação da Vontade neste mesmo fenômeno.

Nesse diapasão, a filosofia de Schopenhauer obteve grande influência no mundo filosófico, sobretudo sobre pensadores que vieram no percurso da história da filosofia, como, por exemplo, Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e Ludwig Joseph Johan Wittgenstein (1889-1951). Sua influência se estendeu também sobre o mundo das artes, como no músico Richard Wagner e o escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908)<sup>4</sup>. Diante do exposto, demonstra-nos Jean Lefranc, que é “uma obra filosófica que foi inteiramente elaborada fora de qualquer moda, em uma solidão total, mais ainda que a de Nietzsche [...]”<sup>5</sup> e que a significação filosófica da obra de Schopenhauer é a sua *inatualidade*.

Inatualidade por seu pensamento filosófico ter tido o reconhecimento por fazer um outro caminho ao que era produzido tradicionalmente em sua época, já que a sua filosofia evocava a ideia de um pensamento único que englobasse o conhecimento da natureza proveniente de um único ponto, a vontade. Do mesmo modo, sua filosofia ter sido o reconhecido bem além da época que fora escrito. O próprio Schopenhauer argumentava não estar preocupado com ter “discípulos”, mas que sua obra não perdesse seu teor filosófico. Isto, fruto de sua forte crítica

---

estruturam o mundo orgânico, como por exemplo a química por trás da reprodução das plantas. Estes são modos das objetivações da Vontade no mundo.

<sup>4</sup> Como podemos verificar na ópera de Richard Wagner e as obras literárias Machado de Assis, em *Tristão e Isolda*, *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, respectivamente. Estas referências nos mostra a influência do pensamento schopenhaueriano, quando estes relatam todos os percalços da vida de seus personagens e seu fim trágico.

<sup>5</sup> LEFRANC, 2011, p. 16.

ao modo de pensamento absoluto proporcionado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel<sup>6</sup>, filósofo contemporâneo de Schopenhauer.

Nesse ínterim, o próprio Schopenhauer assinalada que “o desenvolvimento de um pensamento único, cuja partes têm entre si, na sua totalidade, a mais íntima ligação”<sup>7</sup>, é necessário para compreendermos o enigma do mundo, que seria a Vontade. No entanto, para entendermos como todo este sistema filosófico unificado da vontade de Arthur Schopenhauer foi estabelecido, antes é necessário apreender quais fontes inspiraram nosso filósofo na formulação da Vontade como a essência íntima do mundo.

Ora, nos que diz respeito a esses estudos, somos levados até o pensamento oriental, especificamente o budismo e o hinduísmo, por meio dos livros sagrados dos hindus, as *Upanishads*. Schopenhauer encontrou nessas escrituras sagradas grande influência para a formulação de suas considerações acerca do que assentava sobre sua ética da compaixão, por exemplo, assim como suas considerações acerca da negação da própria vontade.

Já no tocante ao pensamento ocidental, Schopenhauer obtinha em Platão uma grande admiração por sua doutrina do mundo das ideias, de modo que, de Platão, Schopenhauer propõe das ideias platônicas uma identidade metafísica. Contudo, difere do que foi proposto pelo filósofo grego, uma vez que Schopenhauer busca aprimorar esta noção das ideias platônicas para sustentar em sua obra um conhecimento que é atribuído ao discurso epistemológico, para assim, reunir o conhecimento proveniente do fenômeno às ideias platônicas.

Em seguida, ainda dentro do pensamento ocidental, como explicitado pelo próprio filósofo na sua *Crítica da filosofia kantiana*<sup>8</sup>, Schopenhauer se auto titula como um continuador da doutrina kantiana, muito embora com correções ao que foi proposto por Kant. Tal reformulação já nos é apresentado desde o início de seus escritos filosóficos, já que podemos perceber o conceito da Vontade em sua tese, que lhe rendeu o título de doutor: *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente* (1813). Sobretudo, na segunda edição desta obra (1847), onde fica mais explícita sua personalidade filosófica.

Assim, Schopenhauer traz consigo esse rompimento do que era proposto pela metafísica moderna e também por Kant, muito embora em Kant, segundo Schopenhauer, mesmo com toda sua inovação em elencar a crítica da razão por ela mesma, ainda assim redigiu sua filosofia dentro do mesmo padrão metafísico ao sustentar a essência como algo inalcançável.

<sup>6</sup> Faça referência a isso a obra de Jean Lefranc, *Compreender Schopenhauer* (2011), p. 16.

<sup>7</sup> SCHOPENHAUER, A. **O mundo como Vontade e como Representação**. Tradução, apresentação, notas e índices: Jair Barboza. São Paulo. Ed. Unesp. 2005, p. 299.

<sup>8</sup> Apêndice este que é encontrado ao final do primeiro tomo de *O mundo como vontade e como representação*.

Destarte, é no decorrer da maturidade de Schopenhauer – tanto temporal quanto filosófica – que poderemos perceber como as influências do pensamento oriental e ocidental obtiveram para a constituição da doutrina filosófica da vontade como essência íntima do mundo, bem como onde poderemos notar essa influência dentro de seu pensamento único.

## A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA BUDISTA/HINDUÍSTA

No que concerne a influência do budismo e do hinduísmo na filosofia schopenhaueriana, inicialmente, teremos que ter em mente a crítica que Schopenhauer faz acerca do dogmatismo religioso presente na filosofia do século XVIII. Feito isso, poderemos posteriormente demonstrar qual a relevância do pensamento budista e hinduísta na constituição de seu edifício filosófico.

Ora, no que se refere a filosofia schopenhaueriana, tal pensamento foi fortemente atravessado pela tradição budista e hinduísta, uma vez que o filósofo de Frankfurt fez questão de pontuar algo a ser considerado como verdadeiro no pensamento oriental, como a percepção do pensamento hindu sobre a constituição do mundo e sua natureza, por considerar em toda a constituição do mundo a sua efemeridade e sofrimento presente.

Nesse viés, em comparação ao pensamento religioso ocidental, Schopenhauer expõe uma limitação metafísica presente no pensamento religioso no ocidente<sup>9</sup>. Esta limitação, segundo Schopenhauer, consiste no fato de que este pensamento busca confirmar a essência íntima do mundo de maneira que seja em um ser transcendente, ou seja, o sentido do mundo esteja fora da compreensão do próprio conhecimento fenomênico. Assim, Schopenhauer acusa a religiosidade ocidental de falar uma verdade otimista por criar uma falsa moralidade.

Com efeito, tal colocação schopenhaueriana faz uma contestação aos próprios valores atestados na escrita bíblica, quando, no novo testamento, coloca novos valores ao que o antigo testamento faz<sup>10</sup>, ao levar o indivíduo a criar fundamentações que diminuem sua capacidade de compreensão de mundo.

Desse modo, a crítica exercida por Schopenhauer sobre a religião cristã recai por ela ter em si um *teísmo* otimista, de modo que faz o indivíduo perder a própria responsabilidade de ação no mundo e perca de vista a complexidade do sofrimento que ele possa sentir. Nessa

---

<sup>9</sup> A qual tem sua matriz semítica, ou seja, ao judaísmo, por exemplo.

<sup>10</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga y Paralipómena II**. Tradução para o espanhol: Pilar López de Santa María. Madrid, Espanha. Editorial Trotta, S.A., 2009, 2013. § 179 *Antiguo y Nuevo Testamento*. P. 390.

perspectiva proposta por esse otimismo religioso, a essência do indivíduo é posta como algo para além de si mesmo. Logo, essa noção otimista conduz o indivíduo a procurar desvincular-se do mundo, já que a sua essência está fora daquilo que ele pode compreender. A própria representação do mundo não teria validade para a busca de uma vida mais justa e com menos sofrimento para esse indivíduo, mas somente a ideia transcendente concebida por esse teísmo judaico cristão.

Diferentemente desse viés otimista ocidental, o pensamento budista e hinduísta salta à vista quando comparado ao pensamento judaico-cristão, já que o budismo e o hinduísmo está, segundo Schopenhauer, mais próximo da essência íntima do mundo. Isso se dá porque a essência dessas religiões orientais estão presente em todos os lugares<sup>11</sup>.

Esta crença é tomada como verdadeira por Schopenhauer considerar ela estar mais próxima das “crenças naturais do conjunto da humanidade”<sup>12</sup>, isso porque, considera o filósofo de Frankfurt, que tal essência pode ser percebida em todo fenômeno, por se tratar de um pensamento que leva em consideração todos os componentes presentes na natureza. Assim sendo, não necessita uma ideia de transcendência para a compreensão do que é este mundo. Sua essência está presente na pluralidade do mundo.

Ora, esta distinção que Schopenhauer faz das religiões orientais em comparação com aquilo que era apresentado na religião judaico-cristã se dá exatamente no que concerne ao que o filósofo disserta ser nas religiões orientais o encontro entre o idealismo e o pessimismo. Isso ocorre devido a percepção da religião budista, que concede ao mundo uma existência sendo de responsabilidade propriamente do indivíduo, uma noção de que está inserido no próprio homem a sua condição de vida, e não externa como propõe o pensamento judaico-cristão. Expõe Schopenhauer:

O judaísmo tem como caráter fundamental o realismo e o otimismo, que estão intimamente relacionados e são as condições do verdadeiro teísmo; pois ele passa o mundo material como absolutamente real, e a vida, como um presente agradável que nos é dado. O bramismo e o budismo, por outro lado, têm o idealismo e o pessimismo como seu caráter fundamental, pois atribuem ao

---

<sup>11</sup>Essa sentença sobre o budismo ser uma religião presente em todos os lugares, tem como base os conhecimentos que Schopenhauer obteve do que até então tinha chegado até a Alemanha; pelas escritas de Schlegel sobre as religiões orientais, junto com a influência que o filósofo obteve de um curso na universidade de Göttinger. Sobre a etnografia indiana, obteve conhecimento a partir de uma aula ministrada por Arnold Heeren, famoso por ser um grande estudioso da cultura e religião indiana. Conheceu também, através de suas pesquisas sobre a cultura indiana, um periódico chamado *Asiatic Researches* de onde retirou grande parte de sua base documental a respeito do hinduísmo e do budismo. Mas, foram seus encontros com Friedrich Majer que marcou decisivamente a inserção do pensamento budista na sua obra filosófica, apresentando os livros sagrados dos hindus, *Os Vedas* e *As Upanishads*.

<sup>12</sup>LEFRANC, 2011, p. 47.

mundo uma mera existência onírica e consideram a vida como uma consequência de nossa culpa.<sup>13</sup> (Tradução nossa)

Isto atesta que Schopenhauer “foi um dos primeiros filósofos ocidentais a perceber a profundidade do pensamento oriental e a propor uma leitura de seus principais aspectos, realizando assim uma contínua ligação entre a filosofia oriental e a filosofia ocidental”<sup>14</sup>.

Assim sendo, fica inteiramente evidente o posicionamento do pensamento schopenhaueriano quanto a considerar o budismo uma verdadeira doutrina a ser seguida. Nesse viés, o budismo é, para Schopenhauer, uma crença universal, estando inserida até no que constitui o pensamento ocidental europeu. Schopenhauer admitia que o conhecimento oriental compunha parte do pensamento ocidental europeu, pelo que concebia o bramanismo inserido nesse sistema. Mas, por duros ataques da doutrina judaica, o pensamento oriental não conseguiu se consolidar como no oriente, já que sua perspectiva de mundo era divergente a judaica cristã.

Nesse limiar, vale destacar, que Schopenhauer também utiliza das divindades dos *Brahmas* para efetivar os conceitos presentes em sua doutrina, como por exemplo, a ideia da Vontade como coisa em si, as considerações sobre sua ética da compaixão, bem como a afirmação da vontade de viver. Desse modo, leva a considerar em sua filosofia a *Trimurti*, a tríade divina hindu, dos textos sagrados dos *Upanishads*. Essa *trimurti* é composta pelas divindades *Brahmã*, *Vixnu* e *Shiva*.

Schopenhauer irá se referir a *Trimurti* pelas diferentes formas de atuação de cada divindade no universo, o que corrobora com suas colocações sobre como seria a atuação da Vontade cósmica no mundo. Igualmente, em uma analogia com a *Trimurti*, a Vontade se constituiria a partir do modo em como os deuses hindus *Brahmã*, *Vixnu* e *Shiva* eram representados na religião hindu. A saber, *Brahmã* a força criadora, *Vixnu* a conservação e seguimento da natureza e *Shiva* a força que destrói e regenera a natureza. Logo, os modos de atuação compreendidos dos deuses hindus seriam, em comparação, como a atividade da Vontade no mundo, em sua auto discordância, de ímpeto cego e irrefreável, que na representação se mostra como a afirmação da vontade de viver presente em todos os seres vivos.

Nesse sentido, Schopenhauer promoveu uma ascensão à própria forma de leitura dos livros sagrados indianos dentro da Europa, por fazer uma leitura investigativa aprofundada sobre os conceitos sagrados que eram utilizados, difundindo ainda mais o pensamento oriental por todos os lados.

---

<sup>13</sup>SCHOPENHAUER. PP II. 2009-2013. *Antiguo y Nuevo Testamento*, §179, p. 390. Tradução Nossa.

<sup>14</sup>REDYSON, D. Schopenhauer e o pensamento oriental: Entre o hinduísmo e o budismo. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2010, p.03.

Nesse viés, o budismo tem um papel de suma importância na doutrina filosófica de Schopenhauer, sendo ele encontrado em toda a sua metafísica, conectando termos como *Véu de Maya* (ilusão), *Dharma* (dever), *karma* (causa e efeito)<sup>15</sup> em sua concepção do que seja a Vontade e suas atuações no mundo fenomênico. A construção de sua ética da compaixão, sua metafísica do amor sexual<sup>16</sup>, sua concepção de justiça, por exemplo, são todas baseadas nestes termos sagrados budistas e hinduístas, por terem neste contexto, aplicações estendidas em tudo que compõe a natureza. Assim, nota-se que Schopenhauer não separa a essência da natureza da própria essência humana.

Dessa forma, o faz sair do que era proposto pelo dogmatismo presente nas filosofias pós-modernas, onde nem mesmo Kant conseguiu subtrair totalmente esse dogmatismo de seu pensamento crítico. Destarte, nota-se que Schopenhauer inovou na forma do pensar filosófico ocidental e abriu um novo caminho para não só a construção de sua filosofia, mas também para a inserção do pensamento oriental no mundo ocidental. Portanto, a sabedoria hindu tem notória ligação e influência com o pensamento filosófico produzido por Schopenhauer.

## O PENSAMENTO PLATÔNICO NA METAFÍSICA DE SCHOPENHAUER

Não fora apenas a filosofia oriental que influenciou Arthur Schopenhauer. Mesmo encontrando a filosofia oriental em grande parte de sua metafísica da Vontade, com a utilização dos termos *Véu de Maya*, *Karma* e *Dharma*, outro pensamento deteve notória contribuição à filosofia schopenhaueriana: o pensamento de Platão.

De fato, Schopenhauer atribui às ideias platônicas uma identificação, em particular, no que diz respeito ao modo em que a Vontade coordena o mundo empírico. Aqui, a ideia platônica pensada por Schopenhauer dentro de sua doutrina da Vontade é assentada no que se apresenta na relação entre a ideia *a priori* do que é a Vontade e o conhecimento advindo da representação no fenômeno. O que isso quer dizer? A ideia é algo *a priori*, dado por si mesma, fazendo de si mesma condicionante para o conhecimento em relação com o fenômeno.

---

<sup>15</sup>Conceitos que ele retira de suas leituras diretamente dos *Vedas*, texto sagrado que ele teve contato direto ao encontrar na biblioteca de Weimar. Notemos que tais conceitos são essenciais quando nos deparando com Schopenhauer falando diretamente de sua ética da compaixão e sua metafísica do amor sexual e da morte.

<sup>16</sup>No que diz respeito sobre o amor sexual, Schopenhauer vai entrelaçar muito dos conceitos budistas na sua concepção, trazendo até a figura do deus hindu *Kamadeva* como figura principal, como explicação “divina” para a ação do instinto da espécie.

Partindo desse pressuposto, a ideia platônica para Schopenhauer é tomada para a compreensão da representação, ou seja, aquilo que se apresenta como a forma de condição do que pode ser conhecido e apresentado por meio do princípio de razão suficiente. Isso é atribuído a partir das formas do conhecimento dado pelo intelecto, apreendidas na causalidade. Contudo, esta ideia não está submetida ao princípio de razão suficiente, pelo motivo de que a ideia é a Vontade tornada objeto, um objeto inteligível, mas que não está dentro do princípio de causalidade.

Desse modo, em linhas gerais, a ideia platônica reformulada por Schopenhauer, é a representação do que vem a ser um ato da Vontade no mundo fenomênico. Logo, uma representação da ideia de Vontade. Entretanto, na perspectiva schopenhaueriana, essa ideia não está condicionada ao conhecimento pelo princípio de razão, uma vez que não pode ser confundido como causa ou efeito, pois, como já mencionado, é apenas objetificação *a priori* da Vontade.

Nessa síntese, a ideia está entre a coisa em si (a Vontade) e o conhecimento provindo da pluralidade dos fenômenos regidos pelo princípio de razão suficiente. Logo, a ideia platônica é tomada por Schopenhauer pelas formas *a priori*, que condiciona o conhecimento através do fenômeno. Isso faz com que as leis do pensamento conduzam para a abstração. Desse modo, essa ideia permeia o que conheço pela representação.

Todavia, isso implica que a ideia em Schopenhauer se aplicará (será compreendida) no mundo por meio da força natural, apresentando o mundo inorgânico, atribuído por tudo que compõe a natureza, bem como a força biológica como um todo, que também compõe a noção da espécie.

Esta conceituação das ideias platônicas atribuídas por Schopenhauer faz com que ele crie em sua teoria metafísica a distinção entre o que é do conhecimento lógico do conhecimento ontológico. O que resolve a confusão que se segue desde Descartes, afirma o filósofo de Frankfurt. Assim, designa o papel do conhecimento empírico para o indivíduo, ou, em outras palavras, ao que está no intermédio do conhecimento dos fenômenos ao objeto representativo da Vontade cósmica.

A introdução da ideia platônica na filosofia schopenhaueriana se destaca, portanto, para a formulação do que Schopenhauer diz ser a correção de uma limitação platônica, quando Platão trata sobre o conhecimento da coisa em si. A partir disso, Schopenhauer coloca Kant como o filósofo que irá responder a esta limitação. Entretanto, logo após, Schopenhauer irá corrigir o

que propõe Kant sobre este ainda inviabilizar o conhecimento da coisa em si, tratando apenas do fruto do conhecimento crítico racional.

Neste diapasão, a resposta de Schopenhauer acerca de tais pontuações kantianas acerca ao que fora traçado por Platão se dará em sua filosofia quando o filósofo de Frankfurt irá tratar sobre os graus de manifestação [objetivação] da Vontade no mundo. Ou seja, nas formas em que a Vontade se apresenta no mundo inorgânico e orgânico.

Isto não abre margem para uma possível confusão sobre a existência de uma duplicidade da ideia metafísica em Schopenhauer, mas apenas marca sua essência íntima da Vontade em sua forma de objetivação no mundo. A ideia é o que vem a ser os componentes presentes no cérebro para o conhecimento em geral do mundo. Portanto, a ideia platônica tomada por Schopenhauer é que esta ideia será o intermédio entre a Vontade em si mesma e sua objetificação no mundo. Ela não é regida pelo princípio de razão, mas caberá a ideia a relação da pluralidade que compõe o fenômeno, sem perder de vista sua essência pura.

Vale destacar que o conceito da Vontade em sua representação no mundo, a ideia é apenas sua objetificação inteligível, uma habilidade enigmática para nosso entendimento. Logo, sempre permanecendo velada a alguma explicação. Fica bem evidente esta condição quando o tradutor e filósofo Jair Barboza nos traz em sua obra *A decifração do enigma do mundo*<sup>17</sup> (2015), que tal Vontade é o enigma do mundo a ser decifrado.

## A INFLUÊNCIA KANTIANA

Partindo da *Crítica da razão pura* de Kant, Schopenhauer “não acreditava que toda metafísica fosse impossível, mas que haveria necessidade de encontrar outras vias [...]”<sup>18</sup>, por justamente perceber, junto a Kant, que o pressuposto sobre o que era entendido por metafísica na tradição filosófica não passava de um grande tumulto.

Nessa conjectura, nosso pensador “manteve a especificidade do discurso filosófico com as exigências próprias ao sistema de coerência, de objetividade, de racionalidade e de explicação progressiva, tão completa quanto possível”<sup>19</sup>. Não basta mais pensar a metafísica atrelado ao dogmatismo cristão, presente desde o período medieval, produzindo uma confusão

---

<sup>17</sup>Em seu livro intitulado *A decifração do enigma do mundo* (2015), Jair Barboza irá evidenciar como Schopenhauer expõe sua teoria metafísica da Vontade e seus principais temas, como por exemplo, em ordem referida a citação, a Vontade enigmática.

<sup>18</sup>LEFRANC, 2011, p. 21.

<sup>19</sup>LEFRANC, 2011, p. 23.

até então do que é o lógico e o que é o ontológico, mas sim buscar definir qual é o verdadeiro papel da metafísica.

Assim, Schopenhauer faz um resgate do pensamento metafísico ao que até então o idealismo absoluto hegeliano tinha dado como acabado. Dado por acabado por ser fruto não de uma leitura distorcida do que foi produzido pela crítica kantiana, mas sim por pura ignorância por parte de Hegel, assegura Schopenhauer. Nesse viés, Schopenhauer resgata apreciações desde Leibniz<sup>20</sup>, onde o real sentido do debate filosófico “é aquele que opõe a crítica kantiana”<sup>21</sup>. Segundo Schopenhauer, Leibniz foi o primeiro a perceber, diferentemente de Descartes e Espinosa<sup>22</sup>, nuances importantes do que seria o papel central da metafísica e a sair assim do dogmatismo produzido até então.

Seguindo pelo criticismo proposto pela filosofia transcendental kantiana, Schopenhauer percebeu que o conhecimento empírico e o conhecimento puro, nos são dados a partir de algo *a priori* – estando dentro deste conhecimento *a priori* as doze categorias concebidas por Kant –. No entanto, Schopenhauer retira dessas categorias a causalidade, desconsiderando as outras categorias propostas por Kant. Feito isso, para Schopenhauer, agora a categoria da causalidade será regida por meio das formas de espaço e do tempo, já que o espaço e o tempo são formas que dão a compreensão do entendimento do fenômeno. Desse modo, espaço e tempo propiciam as formas de intuição e que admite a apreensão da sensibilidade, assim possibilitando a atuação do princípio de causalidade.

Entretanto, isso vai na corrente contrária ao que era enunciado pelo pensamento empirista, na medida em que na ideia empirista as formas de tempo e espaço eram tomadas a partir da sensibilidade, algo que no kantismo, dados da sensibilidade são apreendidas *a posteriori*.

Acompanhando esta apreensão feita por Kant, acerca de onde surge nosso conhecimento, Schopenhauer seguia concebendo o conhecimento abstrato como sendo *a priori*. Contudo, o erro percebido por Schopenhauer em Kant residia em que este mesmo conhecimento – a intuição empírica (dados que vêm dos sentidos) e a intuição pura (as formas *a priori* que

---

<sup>20</sup>Isto pode ser comprovado quando Schopenhauer expõe em *Sobre a Quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*, em especial à segunda edição, página 61, que Leibniz foi quem chegou a perceber pela primeira vez, desde Descartes, a diferença entre a apreciação do que é fruto do conhecimento lógico e o que é do conhecimento ontológico, mas que mesmo assim não conseguiu destacar claramente tais distinções. Logo, quem fez tal exposição de forma mais clara entre distinção do conhecimento lógico do ontológico, Schopenhauer atribui a Christian Wolff.

<sup>21</sup>LEFRANC, 2011, p. 35.

<sup>22</sup>Sendo Espinosa colocado por Schopenhauer como um discípulo “fiel” de Descartes. Não fazendo outra coisa senão fomentando ainda mais o racionalismo proposto pelo filósofo francês.

compõem a sensibilidade) – era entendido por meio da sensibilidade, dado daquilo que Kant concebia de suas doze categorias. Categorias estas que Schopenhauer não afirma como parte da sensibilidade, mantendo apenas a causalidade como parte do conhecimento empírico.

Na teoria crítica de Kant, segundo Schopenhauer, é posto que a sensibilidade é o caminho daquilo que nos é dado todo o conteúdo do conhecimento, constituindo assim, a teoria do conhecimento transcendental. Portanto, a concepção da *intuição* (do sujeito que conhece por meio da sensibilidade), seria o campo de conhecimento. Considerando aqui a ideia de espaço e de tempo sendo necessários do que trata o entendimento, frutos para a apreensão do conhecimento sensível, Schopenhauer se opõe a Kant nesse sentido. O filósofo de Frankfurt argumenta que pela sensibilidade não se retira nenhuma intuição. Esse pensamento nos oferece apenas a matéria que servirá para as representações *intuitivas* abstratas (fruto do campo abstrato que reúne o espaço e o tempo, compreendidos pelo entendimento e regido assim pelo princípio da causalidade).

Schopenhauer portanto, disserta sobre a confusão que Kant estava envolvido, onde mesmo concebendo sua filosofia transcendental, não percebeu que ainda estava preso no dogmatismo da tradição filosófica, por propor com suas doze categorias que a intuição é fruto da sensibilidade, confundindo assim, o princípio lógico da causalidade (a razão) com o princípio ontológico (a relação de causa e efeito).

Sendo assim, para Schopenhauer, o movimento é o inverso: o que compõe a razão é então aquilo que é retirado do entendimento, sendo, portanto, na representação do conhecimento empírico que a ideia abstrata encontra seu fundamento. De outro modo, é a partir do que está submetido ao entendimento (concebido pela razão) regido pelo princípio da causalidade que compõe aquilo que está no conhecimento abstrato.

Isto corresponde no que compõe a sensibilidade necessitar uma relação própria de causa e efeito, sendo apenas parte do conhecimento abstrato (sendo parte da concepção da razão). Tal discussão acerca dessa teoria do conhecimento, sobre como se dá a apreensão do mundo pela razão, Schopenhauer apresenta profundamente em sua tese *Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio de Razão Suficiente*, quando fundamenta sua teoria do conhecimento.

Nota-se com isto que, Schopenhauer, ao conceber sua teoria do conhecimento, argumenta que “todos os nossos conhecimentos da realidade empírica se limitam ao conhecimento dos fenômenos e obedecem, sem qualquer exceção possível, ao princípio de

razão suficiente”<sup>23</sup>. Essa justificativa Schopenhaueriana é retirada da máxima proposta pela filosofia de Christian Wolff: “Nada é sem uma razão pela qual é ou não é”<sup>24</sup>. Logo, a máxima de Wolff constitui para Schopenhauer a sintetização ao que fora feito na filosofia crítica kantiana, estabelecendo, portanto, uma nova condição do pensamento metafísico produzido por ele.

Dessa maneira, o pensamento schopenhaueriano apresenta-se como um “tríplice ponto de vista: como exposição da ruptura fundamental que fora o kantismo, como crítica das insuficiências da própria obra de Kant, e, enfim, como introdução das ideias fundamentais que ela tornou possíveis”<sup>25</sup>. Destarte, Schopenhauer configura de vez a retirada do pensamento dogmático da filosofia crítica, em especial no que era pensado a metafísica no decorrer da história, que evocava os mesmos erros que até o próprio Kant não conseguiu sair.

Portanto, a influência que a filosofia crítica de Kant sucedeu na metafísica schopenhaueriana se dá pelo fato de compreender os dispositivos que nos são dados pelo conhecimento vindo da sensibilidade, ou seja, compreender como apreendemos o conhecimento vindo do mundo, através da causalidade.

## CONCLUSÃO

Tendo feito esta investigação das fontes buscadas por Schopenhauer para edificar sua filosofia, percebemos como seu pensamento filosófico é consolidado. A obra filosófica de Arthur Schopenhauer não é apenas mais uma obra que trata de fazer uma história da filosofia, mas claramente um resgate da metafísica no seu conceito mais original, livre do dogmatismo religioso, considerado pelo próprio filósofo de Frankfurt, presente até Kant. Também estabelece o conhecimento do pensamento oriental nos estudos dentro da Europa, demonstrando que o percurso das filosofias orientais sempre estiveram presentes no arcabouço filosófico ocidental.

Reunindo o que se propôs da filosofia budista e hinduísta, junto do que também é apresentado das filosofias de Platão e Kant – sobre a ideia da coisa em si mesma e em seguida ao que o idealismo transcendental, respectivamente –, Schopenhauer traz consigo essa nova

---

<sup>23</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente**. Tradução: Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas, SP. 1ª Edição. Unicamp. 2019, p. 12.

<sup>24</sup>SCHOPENHAUER, 2019, p. 12. Wolff *apud* Schopenhauer; *in* Prefácio à Edição Brasileira, dos tradutores.

<sup>25</sup>LEFRANC, 2011, p. 67.

colocação sobre o verdadeiro papel da metafísica no ocidente, tornando o entendimento do mundo em uma única proposição imanente, a Vontade. Diz Lefranc a respeito disso:

Schopenhauer retoma as expressões platônicas. Na sua interpretação da idealidade transcendental, o “fenômeno” no sentido kantiano e o “fenômeno” no sentido platônico coincidem: a representação é ao mesmo tempo a sombra fugidia arrastada no turbilhão do devir e a objetividade que se oferece ao conhecimento científico. Os dois significados do termo aparecer não são contraditórios, mas se completam no conceito de *representação* com mais rigor que no próprio Kant.<sup>26</sup>

Assim, a inovação feita por Schopenhauer com seu arcabouço filosófico é para ir além do que já vinha sendo feito na história da filosofia. É antes uma resolução da problemática do conhecimento da coisa em si que seguia-se sendo confundida na tentativa de enunciá-la. Logo, “deve-se compreender que a coisa mesma, enquanto objeto, identifica-se completamente com a representação [...]”<sup>27</sup>, para esclarecer que essa é sua originalidade na forma de pensar pós kantiana. Unifica em um único conceito o que antes era tratado como separado na história da filosofia.

Para o filósofo de Frankfurt, “aos seus próprios olhos, não é a de ter inventado de ponta a ponta uma nova metafísica, a da Vontade, mas ter descoberto a chave para decifrar um enigma do qual a filosofia vinha progressivamente tomando consciência de Descartes até Kant”<sup>28</sup>. A este enigma, antes pensado do que era a coisa em si, Schopenhauer chama de Vontade. É ela a fonte de tudo que compõe o mundo. Com isto, Schopenhauer estabelece sua filosofia, já que distingue o que é a coisa em si da sua apresentação para nossa representação, mas em uma ordem que ela mesma é e se apresenta (*sich darstellt*).

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

DAMASCENO, Francisco Willian. A busca schopenhaueriana das identidades fundamentais: a influência platônica. **Revista Voluntás, Santa Maria, v.12, n.1, p. 01-30, jan/abril, 2021**. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179378661899>>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2024.

---

<sup>26</sup>LEFRANC, 2011, p. 76.

<sup>27</sup>LEFRANC, 2011, p. 84.

<sup>28</sup>LEFRANC, 2011, p. 87.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. 3. Editora Petrópolis: Vozes, 2007. Tradução, Ephraim Ferreira Alves.

PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

REDYSON, D. Schopenhauer e o pensamento oriental: Entre o hinduísmo e o budismo. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. L.], v. 7, n. 1**, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9762>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Schopenhauer e os Anos mais Selvagens da Filosofia: uma bibliografia**. Tradução: William Lagos. São Paulo: Geração editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como Vontade e como Representação**. 1º tomo, São Paulo: editora UNESP, 2005. Tradução, Jair Barboza.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como Vontade e como Representação**. Segundo tomo: Suplementos aos quatros livros do primeiro tomo, São Paulo: 1 ed. UNESP, 2015. Tradução, Jair Barboza.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga y Paralipómena II**. Tradução para o espanhol: Pilar López de Santa María. Madrid, Espanha. Editorial Trotta, S.A., 2009, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a Quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente**. Tradução: Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas, SP. 1ª Edição. Unicamp. 2019.

VALLE, Gabriel. **Filosofia Indiana**. São Paulo. Loyola. 1997.

ZIMMER, Heinrich. **As Filosofias da Índia**. São Paulo: Palas Athena. 1986.